

ARTIGO

A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE DE CAMPO EM GEOGRAFIA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COM BIOGEOGRAFIA E CLIMATOLOGIA SISTEMÁTICA

Airon Sarug Ferreira Dantas¹

Juliana de Souza Xavier²

Vanessa Cristiane Santos³

RESUMO

O artigo trata da importância de atividades de campo em Geografia a partir de uma experiência com procedimentos teóricos e metodológicos envolvidos nas relações ensino-aprendizagem entre alunos e professores do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) durante aulas de campo das disciplinas de Biogeografia e Climatologia Sistemática realizadas no transecto Natal-RN – Triunfo-PE, em novembro de 2019. Metodologicamente, levaram-se em consideração as atividades conduzidas em pré-campo, campo e pós-campo. Tendo em vista que as observações da paisagem ultrapassam as questões naturais e antrópicas, obteve-se resolução satisfatória das atividades propostas pelos docentes, de modo que foi possível relacionar os conhecimentos adquiridos com a realidade posta aos discentes em diversos aspectos, cuja teoria possibilitou a introdução de exercícios técnicos que facilitaram o aproveitamento dos conteúdos, demonstrando a eficácia do trabalho de campo para o ensino da Ciência Geográfica e a formação do futuro profissional.

Palavras-chave: Atividade de campo. Ensino-aprendizagem. Ensino de Geografia.

¹ Graduando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: aironsarug@gmail.com

² Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: juxavier.tga@gmail.com

³ Graduanda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. E-mail: vanessacristianesants@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A construção do processo de ensino-aprendizagem pode ocorrer de diversas maneiras, de modo que o indivíduo muitas vezes só compreende essas questões através da prática. De acordo com Silva e Delgado (2018, p. 46) o conhecimento acontece a partir da exploração de determinado assunto, ou seja, o objeto a ser estudado pelo aluno. Assim sendo, a Geografia, dentre tantas ciências que trabalham com diferentes aspectos da realidade, traz esse aporte prático através das suas múltiplas abordagens, em especial dos trabalhos realizados em campo, onde de fato é possível diminuir esta dicotomia entre sala de aula e a concretude do espaço geográfico.

De acordo com Libâneo (1998 *apud* Silva e Delgado, 2018, p. 49), não existiria sociedade sem prática educativa e nem tampouco prática educativa sem a sociedade, pois é por meio dela que os indivíduos são transformados para viver na sociedade. É dessa forma que se cria uma sociedade crítica e reflexiva. Dessa forma, é necessário que o aluno abstraia o conhecimento de diversas ações que ele mesmo realiza. Piaget denomina como “abstração reflexiva ou construtiva”. Para ele, o problema do aprendizado em sala de aula se encontra diretamente ligado ao saber, porque aprender é saber realizar determinada ação, e conhecer é ter a compreensão da ação realizada (SILVA e DELGADO, 2018, p. 46).

Enquanto recurso didático, o trabalho de campo é o momento em que podemos visualizar tudo o que foi discutido em sala de aula, em que teoria se torna realidade, se materializa diante dos olhos estarecidos dos estudantes, daí a importância de planejá-lo o máximo possível, de modo a que ele não se transforme numa excursão recreativa sobre o território, e possa ser um momento a mais no processo de produção do conhecimento.

Segundo Resende (1989 *apud* Souza e Chiapetti, 2012), se o espaço não é encarado como algo em que o aluno se encontra inserido, a sua verdade geográfica se perde e a Geografia torna-se alheia para ele. Ainda nessa perspectiva, Castrogiovanni (2000 *apud* Souza e Chiapetti, 2012) esclarece que “o ensino de Geografia deve desenvolver noções de espacialidade materializadas e sensíveis, baseando-se na formação da consciência territorial, partindo de diferentes escalas, discutindo e analisando suas contradições, aproximando teoria e prática”.

Para isso, utilizar-se de técnicas, métodos e instrumentos que ajudem os estudantes, pesquisadores e professores a sistematizar informações é uma forma de atribuir consistência e objetividade na construção do conhecimento. Como afirma Venturi (2005, p. 13), a teoria e o método estão no plano do pensar e, a técnica está no plano do fazer, portanto “as técnicas

representam a extensão das habilidades humanas, e os instrumentos que as operacionalizam, a extensão de suas mãos e de seus órgãos sensoriais [...] de modo que ajudam o Homem a ouvir o inaudível, enxergar o invisível, permite-lhe acessar o inatingível e comunicar-se entre distâncias e a velocidades inimagináveis” (VENTURI, 2005, p.13).

O trabalho de campo representa o contato imediato do cientista com a realidade, ainda que se possa fazer uso de instrumentos, é o momento de conhecê-la melhor por meio de técnicas de observação e interpretação instrumentalizadas ou não. O contato direto com a realidade não significa que se tenha o mesmo controle dos processos realizados em gabinete, pois durante o campo o investigador está submetido às dinâmicas imprevisíveis da realidade. Sendo assim, é comum que o planejado em laboratório não ocorra exatamente como se esperava e a atitude do profissional possa reverberar frente ao que possa surgir em prática. Isso significa que o planejamento do campo da pesquisa requer certa flexibilidade por parte do pesquisador (VENTURI, 2005, p. 18).

Nessa perspectiva, Silva e Albuquerque (2017, p. 85) nos trazem que o uso das geotecnologias se torna de fato um instrumento importante na abordagem geográfica, em que fornece uma nova perspectiva de aprendizagem tanto a educadores quanto a educandos. Não obstante, para usá-las e apropriá-las como fonte de ensino-aprendizagem é necessário preparo, conhecimento e habilidade do seu uso em sala de aula, dando ênfase aos conceitos e práticas que abordem os sistemas de informações geográficas, o geoprocessamento, o sensoriamento remoto e os sistemas de posicionamento por satélite.

Outro exemplo dessas tecnologias, com base em Silva (2016, p. 49 *apud* Silva e Carneiro, 2003) é a cartografia digital em que a educação cartográfica é um processo de construção de conhecimentos que favorece a leitura e a interpretação de mapas, que por sua vez são atividades de comunicação e possuem textos com códigos próprios, cujas mensagens devem ser lidas e interpretadas. Souza *et al.* (2000 *apud* Silva, 2016, p. 49) afirma que a linguagem cartográfica é uma das que indubitavelmente devem ser utilizadas no ensino, pois representa a territorialidade dos diferentes fenômenos, que é razão de ser da própria ciência geográfica.

Ainda em consonância com Silva e Albuquerque (2017, p. 89), utilizar-se de novos métodos de ensino na geografia agrega novas tendências na maneira de se estudá-la. Na sociedade atual e moderna, em constante desenvolvimento tecnológico, esse aspecto diretamente influencia na forma de ensinar e aprender geografia. Dessa forma, as tecnologias tornam-se suporte no desenvolvimento da educação geográfica.

Cavalcante (2011 *apud* Silva e Albuquerque, 2017, p. 89) resume o objetivo principal das geotecnologias no ensino: “desenvolver a capacidade de compreensão do espaço geográfico, para que a partir dela o aluno seja capaz de extrair dados relevantes daquilo que procura e formular hipóteses reais com as informações de que dispõe”. Além do mais, colocar à disposição dos alunos e apresentar os instrumentos tecnológicos é possibilitar a contribuição para o desenvolvimento pleno do conhecimento.

Silva (2012 *apud* Silva, 2016, p. 51) demonstra que, atualmente, apesar da disponibilidade de materiais em algumas universidades, a maior demanda para o uso adequado e significativo desses recursos é humana, ou seja, há um número reduzido de pessoas que domine os recursos didáticos e que saiba aplicá-los a situações de ensino e aprendizagem. Isto ocorre em grande parte devido à deficiência na formação inicial e à ausência de formação continuada de muitos profissionais, essencial para acompanhar os avanços tecnológicos.

Tendo em vista todas essas abordagens apontadas, este trabalho tem por objetivo apresentar os procedimentos, estratégias e adversidades da atividade de campo para os componentes curriculares de Biogeografia e Climatologia Sistemática, através das experiências envolvidas em trabalho realizado entre alunos e professores do curso de graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) no transecto Natal-RN – Triunfo-PE, no ano de 2019.

2 ATIVIDADES DE CAMPO NO PROCESSO EDUCATIVO

As atividades de campo foram importantes para a Geografia desde o momento da sua criação. Muito se deve aos viajantes e naturalistas dos séculos passados, os quais produziram diversos estudos com origem nas observações da natureza, que possibilitaram a construção das bases da ciência geográfica. Atualmente o trabalho de campo é um recurso didático amplamente utilizado pelos professores de Geografia, tanto na academia quanto nos eixos mais básicos da educação.

Para Aguiar (2016, p. 9), “as saídas de campo devem assumir-se como uma estratégia fundamental que deve ser usada pelos professores para uma formação integradora e integral de cada aluno”. É no campo que os alunos apreendem a realidade dos estudos realizados em sala de aula, rompendo com a uniformidade das quatro paredes. O advento das saídas de campo dá a oportunidade de o aluno compreender diversos aspectos do espaço geográfico,

desfrutando das simbioses nele contido. Dessa forma, tal atividade é uma ferramenta indispensável para a formação do profissional geógrafo. Nas palavras de Suertegaray:

A pesquisa de campo como compreensão hermenêutica supera a relação sujeito versus objeto, o campo é nosso espaço de vida que se apresenta como um texto carregado de signos que precisam ser desvendados. Entende-se que, nesta perspectiva, o geógrafo (sujeito) é objeto (campo) e campo (é sujeito). O geógrafo, neste caso, visualiza o mundo como uma totalidade complexa e dialética (SUERTEGARAY, 2009, p. 66).

Tendo tal compreensão, entende-se o campo como uma das partes mais importantes do arcabouço de pesquisa do geógrafo, é nele que se encontra a totalidade do observado, pois é o resultado da materialização de questões estudadas em diferentes óticas.

Todavia, vale salientar que, as viagens de campo não devem ser entendidas como passeios frívolos, muito pelo contrário, essas ações precisam ser amplamente didáticas e têm de ser planejadas segundo os métodos das mais diversas disciplinas. Nessa discussão, de acordo com Oliveira e Assis:

A aula em campo é um corpo didático que não tem como ser separado da sensação de lazer, ansiedade, angústia e novidades. Entretanto, não deixa de ser aula, requisitando, aos docentes e discentes, preocupação com o objetivo de estar em campo: uma construção e legitimação do pedagógico processo de formação humana dos alunos e dos próprios professores em sua trajetória profissional (OLIVEIRA e ASSIS, 2009, p. 198).

Outra pauta interessante a qual deve ser abordada é que os campos geográficos não são uniformes, visto a gama de disciplinas presentes em um curso de graduação. Dessa maneira, um campo de Biogeografia não terá o mesmo enfoque teórico e metodológico que um exercício realizado pela disciplina de Organização do Espaço, ou seja, não podem ter o mesmo escopo de desenvolvimento. Isto significa que os aparatos utilizados nas atividades de campo também serão diferenciados conforme a disciplina.

No entanto, de forma generalizada, as práticas de campo na graduação em Geografia costumam utilizar algumas ferramentas similares, entre elas: mapas, imagens de satélite, fotos aéreas, bússola, lupa, GPS, anemômetro, trena, caderneta de campo, prancheta e martelo geológico. Tais ferramentas irão ser empregadas conforme a necessidade de cada ação e no escopo nela contido.

Ademais, além das dificuldades impostas pela elaboração de uma boa atividade de campo, outro problema recorrente são os trâmites legais envolvidos na realização dessas saídas, as quais englobam algumas requisições, no que podem envolver questões associadas aos meios de transportes, estadias e responsabilidades dos alunos e professores. Quanto aos

gastos, esses são os maiores vilões para os alunos. Nem sempre os estudantes conseguem participar de tais atividades, já que alguns discentes não conseguem arcar com os custos totais presentes no percurso. Com isso, apesar de ser um exercício de suma importância, os trabalhos de campo não são igualitários ou irão abarcar a completude de alunos envolvidos com a(s) disciplina(s) naquele momento.

Contudo, considerando as perdas inevitáveis, essas atividades se destacam pela tamanha importância de aplicabilidade do conteúdo teórico e assimilação do mesmo, onde devem instigar os alunos a desenvolver e estabelecer seus próprios entendimentos sobre os assuntos debatidos durante as experiências ao ar livre e em sala de aula, além do exercício das percepções através de observações, anotações e diálogos que as ações oferecem. Todavia, como destaca Tomita, “acrescente-se que o trabalho de campo é uma prática indispensável para o ensino de Geografia, mas não suficiente. Não se deve encarar essa atividade como um fim, mas como um meio que tenha o seu prosseguimento ao retomar à sala de aula (TOMITA, 1999, p. 15).

O exercício prático do campo apresenta um sucesso dependente das interações e percepções produzidas pelos envolvidos em relação ao peso e complexidade das atividades realizadas em tais ações. São condições necessárias para o desenvolvimento de pesquisas e, conseqüentemente, o fomento do processo educativo, não só com os docentes, mas também aos acadêmicos. Dessa maneira, o estímulo da visita técnica corrobora as capacidades e curiosidades presentes no elemento humano, ou melhor, é a oportunidade ideal para efetuação de bons questionamentos, busca de dados e informações.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo reflete uma perspectiva qualitativa e descritiva, edificada em um estudo de caso por meio do recurso didático do trabalho de campo, visto que essa metodologia auxilia na capacitação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem. A atividade foi realizada no mês de novembro de 2019, envolvendo estudantes de graduação, bacharelado e licenciatura, matriculados nas disciplinas de Biogeografia e Climatologia Sistemática, além da participação de mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Geografia, vinculados à Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Em razão das diferenciações dos alunos no âmbito acadêmico, os docentes das disciplinas efetuaram discussões em sala de aula relacionadas às atividades e possibilidades ao desenvolvimento do campo, pondo em evidência o planejamento necessário para

implementar a efetivação de uma extensão produtiva.

O processo metodológico adotado para realização deste trabalho consistiu em três etapas: pré-campo, campo e pós-campo. A fase de pré-campo teve como base uma revisão bibliográfica inicial, a coleta de dados morfoestruturais, climáticos e biogeográficos, com a intenção de compreender os sistemas climáticos atuantes e unidades vegetacionais existentes no recorte temático, além da elaboração do material cartográfico e um roteiro para subsidiar as atividades no campo, a fim de que fosse possível assimilar a temática abordada ao longo do material.

Em um segundo momento, durante a prática de campo, os grupos divididos anteriormente executaram as atividades propostas pelos docentes, por meio da captura de fotografias, a tomada de notas mediante as investigações iniciais correlacionadas às explicações dos fenômenos observados, bem como associações dos mapas produzidos na primeira etapa com a realidade observada *in loco*. Nessa fase, colocaram-se em prática os assuntos previamente vistos em sala de aula, onde a atividade contou com paradas realizadas no transecto (Figura 1), percorrendo as cidades de Natal-RN, João Pessoa-PB, Recife-PE, Caruaru-PE, Arcoverde-PE e Triunfo-PE, entre os dias 03 e 06 de novembro de 2019.

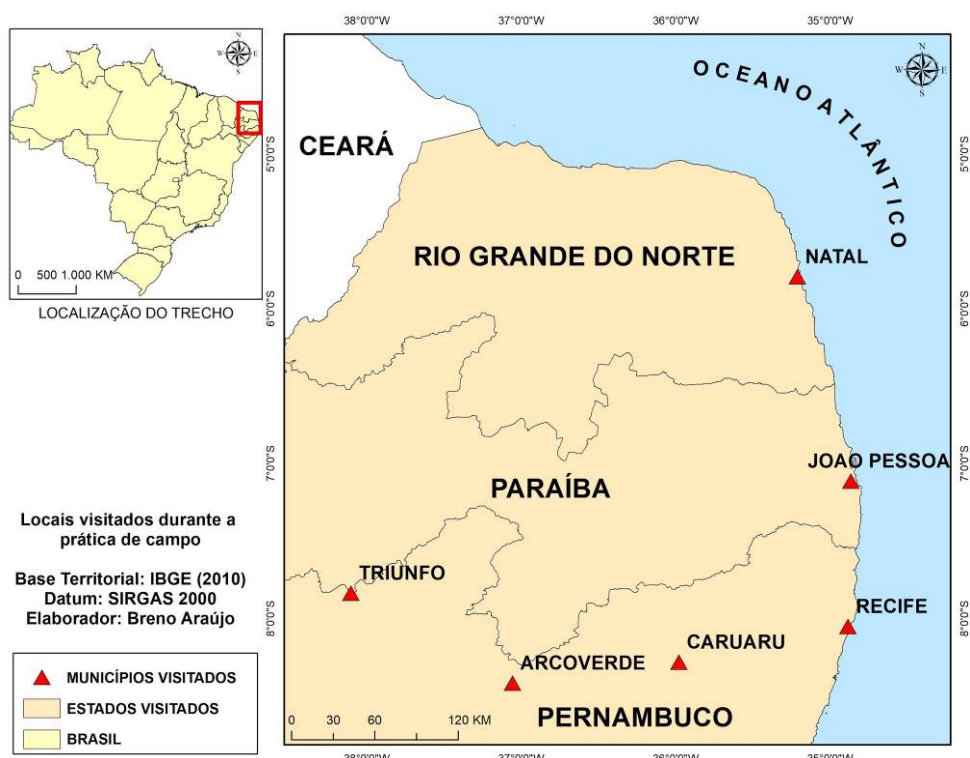


Figura 1: Mapa dos municípios visitados na atividade de campo. Elaboração dos autores.

Após a execução da atividade de campo, um instrumento indispensável e facilitador do processo ensino-aprendizagem para o ensino superior em Geografia foi cumprido na etapa

pós-campo, direcionada para a análise e o processamento dos dados coletados, reuniões para junção e discussão das aquisições feitas pela equipe. Nesse momento, tratou-se de efetivar a sistematização do conhecimento direcionado pela análise dos registros para caracterizar o conteúdo de forma integrada, utilizando os aportes metodológicos vistos com as disciplinas e durante as atividades de campo. Sendo assim, ocorreram encontros para debater as percepções e informações obtidas, dentre os diversos aspectos que chamaram a atenção e foram extremamente relevantes durante a excursão pelo campo, com a intencionalidade de confeccionar um relatório descritivo a respeito das cidades do Recife-PE e Triunfo-PE.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

De antemão, é importante destacar que as cidades do Recife-PE e Triunfo-PE, apesar de localizadas no mesmo estado, estão inseridas numa dinâmica geográfica amplamente distinta. Isso se dá, numa simplificação das razões explicativas, ao fato de a capital pernambucana estar localizada no litoral, enquanto o Oásis do Sertão se encontra imbricado no semiárido nordestino. Enquanto Recife está assentada quase ao nível do mar, numa planície litorânea, Triunfo encontra-se sobreposto ao domínio do Planalto da Borborema, estando dentro de seus limites municipais o ponto mais alto do estado, o Pico do Papagaio, em torno de 1.260m de altitude. O transecto demonstra a movimentação abrupta existente no trecho entre esses dois municípios (Figura 2).



Figura 2: Transecto entre Triunfo/PE e Recife/PE. Fonte: Elaboração dos autores a partir de base cartográfica do Google Earth, 2021.

4.1 Recife-PE

Oficialmente instituída como vila em 1709 e atualmente cidade com status de capital de Pernambuco, Recife abrange uma área de 217,01 km². Ocupa a posição central na hierarquia urbana nordestina. Sua característica de metrópole a coloca entre as 15 maiores cidades brasileiras, sendo sua área de influência de alcance regional (REGIC, 2018).

Dentre as principais vias de acesso encontramos a BR-101, que corta a cidade no sentido norte-sul, e a BR-232, que a transpassa no sentido Leste-Oeste. Seus limites municipais são Olinda, Paulista, Abreu e Lima, Jaboatão dos Guararapes, São Lourenço da Mata e Camaragibe, além do Oceano Atlântico (Figura 3). A quatro metros de altitude em relação ao nível do mar, possui íntima relação com o fenômeno da maritimidade. Em consequência, apresenta baixas amplitudes térmicas, com uma temperatura estável.

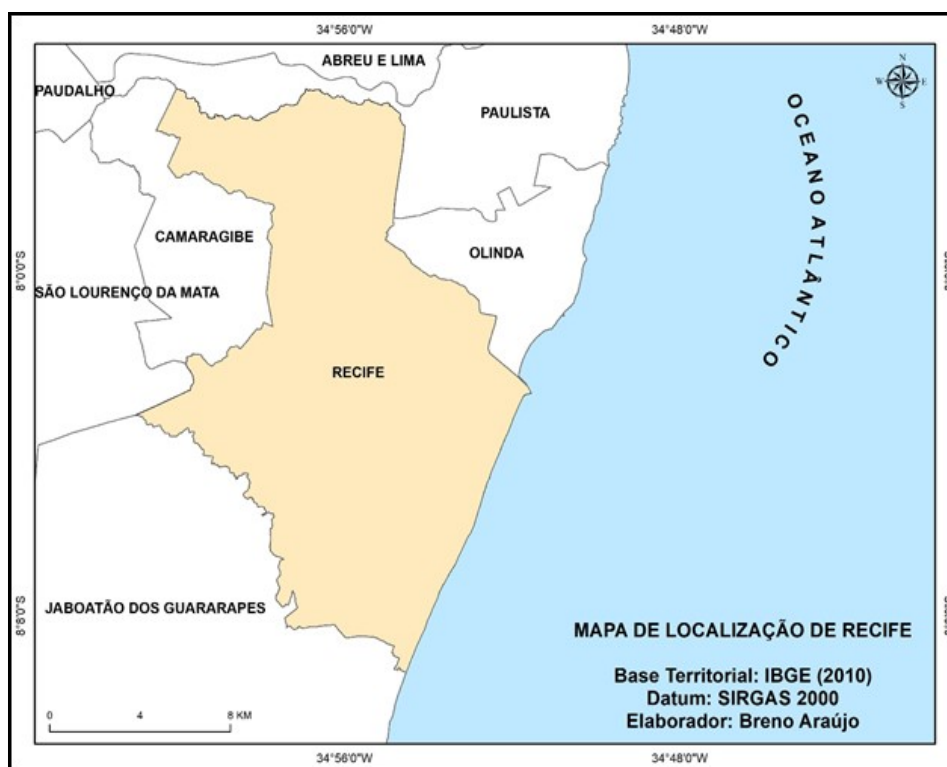


Figura 3: Mapa de localização de Recife. Fonte: Elaboração dos autores.

As áreas de interesse consideradas pelos estudantes na capital pernambucana, transpassaram pela observação das paisagens perante as questões naturais (relevo, vegetação, climatologia) e humanas (reprodução do espaço geográfico e estratificação monetária). Nessas observações foram notadas simbioses presentes nos espaços, já que coabitam a configuração do município.

A partir da proposição do percurso pelos docentes, os alunos foram instigados à realização de caminhadas acompanhadas dos tutores, a qual se voltou para elucidação de conteúdos e elaboração de atividades segundo orientação.

Recife conta com paisagens naturais diversificadas que permeiam praias, rios, mangues e mananciais e tal diversidade lhe atribui uma característica peculiar quanto aos demais lugares. Com a percepção efetiva foi possível notar a presença de terraços marinhos e planícies no relevo local, se tratando de feições com baixa variação de altitude, onde predomina o relevo aplainado, frequentemente acompanhado por uma topografia plana e rebaixada. O clima, nesse sentido, é reflexo da situação geográfica, apresentando baixas latitudes e altitudes e considerável proximidade ao mar.

Por sua vez, coube aos professores reiterar que entre os sistemas de controle determinantes nas condições climáticas na cidade do Recife, destacam-se a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), sendo o mais importante definidor da precipitação, a Alta Subtropical do Atlântico Sul (ASAS), as Ondas de Leste, os Vórtices Ciclônicos de Altos Níveis (VCANs) e, em escala local, as brisas marítimas e terrestres.

Apresentando também morros, os quais circundam a cidade, vale ressaltar que a forma de ocupação desordenada sem planejamento urbano corroborou na constituição de aglomerados subnormais que trazem risco às pessoas que habitam esses locais. A cidade tem sua epiderme marcada por uma configuração territorial desigual, irrigada por um quadro socioterritorial consolidado ao longo da história, carregando consigo marcas das convivências de seus habitantes, que coexistem próximos territorialmente, mas segregados pelas diferenças sociais.

Algumas paisagens vistas a partir do ônibus durante os deslocamentos apresentavam a realidade das ocupações irregulares, onde grande parte delas localiza-se em morros, em locais com relevos mais acidentados. Tais localidades sofrem muito durante os períodos de inverno, devido aos grandes volumes precipitados na região. Por essa razão, várias encostas possuíam lonas gigantes sobre o solo, visando à contenção dos deslizamentos que poderiam acontecer nestas localidades. A imagem a seguir mostra uma localidade vista durante a passagem pela cidade (Figura 4).

Logo após as primeiras discussões durante a atividade de campo, realizou-se uma parada no Jardim Botânico de Recife, no qual as principais observações foram com relação à vegetação presente na região e sua interação com o clima ali disposto. Os alunos e professores realizaram uma caminhada de observação, visando o entendimento de algumas características dispostas na localidade.



Figura 4: Vista das ocupações irregulares em Recife. Foto: Juliana Xavier, 2019.

Foi possível perceber que no Jardim Botânico há uma continuidade da floresta que foi se observou desde a cidade de Goianinha-RN, porém em Recife é possível verificar que a vegetação apresenta um maior porte, superior a 10 metros, diferente das florestas estacionais, com menor porte. Salienta-se que todo o conjunto de vegetação que circunda a costa oriental brasileira é a chamada Ecorregião da Mata Atlântica, onde cada região apresenta sua especificidade.

O Jardim Botânico da cidade encontra-se na área de planície do rio Capibaribe, porém nessa localidade já não há mais influência da deposição realizada pelo corpo d'água, entretanto, o solo se caracteriza por uma intensa ligação com o lençol freático. Essa situação, juntamente com o nível pluviométrico alto, condiciona uma disponibilidade hídrica muito alta na região. Tal circunstância configura as características apresentadas por essa vegetação, como é destacado na imagem a seguir (Figura 5).

Do ponto de vista biogeográfico, os alunos compreenderam que o município apresenta apenas vestígios da floresta tropical da Mata Atlântica, assim não foram verificadas coberturas vegetais estacionais, e sim representações singulares, com a permanência de florestas ombrófilas, a qual não sofre impacto de estação seca.



Figura 5: Vista das ocupações irregulares em Recife. Foto: Juliana Xavier, 2019.

4.2 Triunfo-PE

Triunfo é um município brasileiro do estado de Pernambuco, localizado no topo da Serra da Baixa Verde, na divisa do estado de Pernambuco com a Paraíba (Figura 6). Situa-se em um brejo de altitude a mais de mil metros acima do nível do mar, o que a torna a cidade mais alta do estado. Apresenta como municípios limítrofes Calumbi, Flores e Santa Cruz da Baixa Verde, além do território paraibano ao norte.

De relevo forte, ondulado e montanhoso, com afloramento de rochas, Triunfo está situada no domínio do Planalto da Borborema. Do ponto de vista climático, foi observado que o sistema atmosférico de maior preponderância no município é também a ZCIT, além do ASAS e os VCANs, proporcionando a ocorrência de movimentos convectivos e ocasionando a formação de nuvens e precipitação na região.

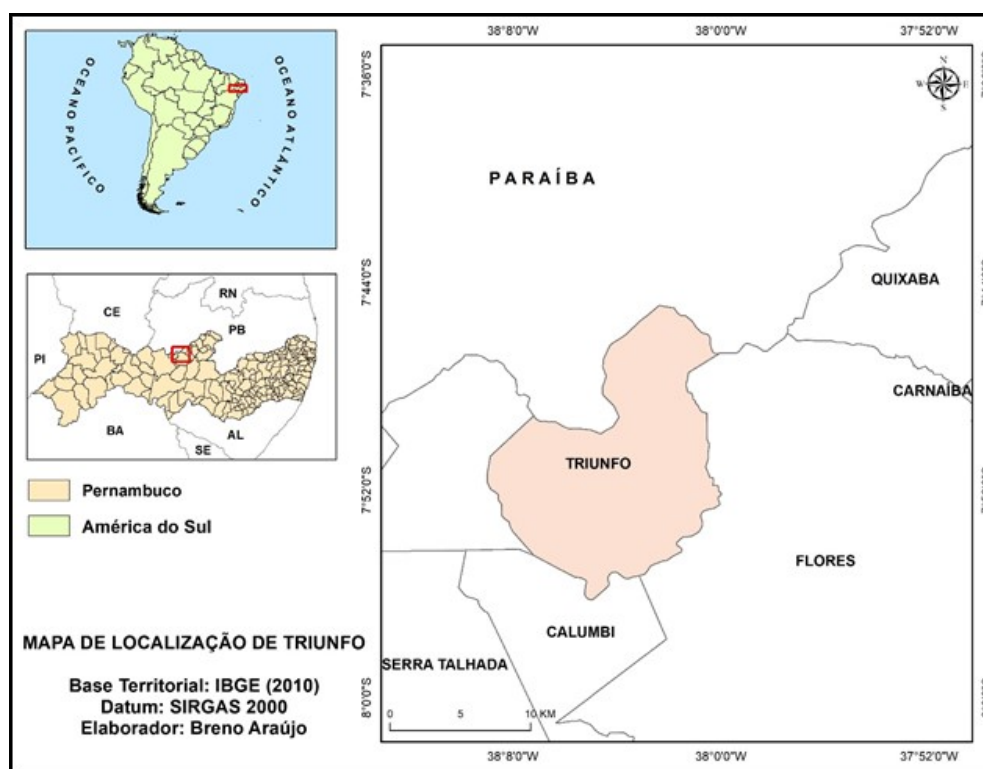


Figura 6: Mapa de localização de Triunfo/PE. Fonte: Elaboração dos autores.

Em contrapartida, durante a estação seca, a ZCIT se desloca para sua posição mais boreal e os movimentos descendentes do ar que decorrem dessa alteração influem na inibição de chuvas no sertão nordestino. Aliado a esse processo, os ventos também descendentes das convecções ocorridas na região amazônica no mesmo período contribuem para os mais baixos índices pluviométricos mensais do município.

Em Triunfo, foi demasiadamente importante notar como a configuração da paisagem é alterada conforme a influência da altitude e, por conseguinte, a mudança da dinâmica climática. Enquanto no entorno do município prevaleciam características estritamente relacionadas, até mesmo de forma estereotipada, ao clima semiárido, na cidade há uma clara distinção das feições fisiográficas. Na Figura 7 podemos observar a presença, no primeiro plano, de vegetação característica da caatinga e, mais ao fundo, um enclave esverdeado da vegetação.

Ainda no que concerne à vegetação a principal característica de Triunfo é a ocorrência da vegetação do tipo mesófila, caracterizada pela ocorrência em condições médias ou alternadas de umidade e seca. Suas folhas, portanto, reagem à dinâmica climática conforme o período do ano. Há ainda no município a ocorrência de vegetação pluvial ou ombrófila, onde a umidade é advinda da chuva.



Figura 7: Vista panorâmica do mirante em Triunfo/PE. Foto: Juliana Xavier, 2019.

Tal conformação diz respeito à elevação da geomorfologia local, como apontado antes. Isso garante maiores índices de precipitação e uma melhor distribuição ao longo do ano, amenizando o aspecto mais árido da paisagem interiorana. Assim, a própria prática de campo permitiu identificar que o uso do território por meio da agricultura se torna facilitado pela dinâmica climática e suas consequências, dada a capacidade de absorção da água no solo.

Com relação aos aspectos fisionômicos e estruturais são verificáveis áreas de floresta, devido à maior altitude, onde podemos classificar a composição vegetativa do município como subcaducifólia, uma vez que as especificidades climáticas locais destoam do entorno da região, onde observou-se que a vegetação pode ser considerada hiperxerófila, principalmente com plantas de pequeno porte, arbóreo-arbustivas e com abundância de xerófitas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Ciência Geográfica analisa a relação sociedade e natureza a partir da espacialidade, integrando então os estudos físicos, sociais, econômicos, culturais, políticos e ambientais. Destarte, em amparo à urgência de uma reconfiguração didática, os docentes envolvidos no trabalho realizado assumiram uma função atuante na formação do conhecimento ao transporem os assuntos debatidos em ambientes acadêmicos para além da sala de aula, como forma de subsidiar a tomada de decisões para promover o desenvolvimento de metodologias práticas, orientando quanto ao posicionamento de classe em um modelo humanitário que favoreça a qualidade de aprendizado do aluno para a construção de um corpo discente íntegro.

O plano tem concebido aspectos interessantes no que se atribui a conexão entre discentes e docentes em diferentes ciclos do ensino superior, como também uma maior interação e adaptação aos instrumentos de campo e às ferramentas tecnológicas, associando cada vez mais a possibilidade de uso para construção de um ambiente que atenda as demandas futuras e corrobora com o conhecimento público ao aproximar os debates acadêmicos para além da sala de aula.

O desenvolvimento da atividade de campo de modo satisfatório foi possível com o compromisso e a preocupação dos docentes com o roteiro programado, enfatizando a importância do exercício extraclasse como estratégia de ensino. Assim, a diversificação das modalidades didáticas, potencializadas pelas saídas de campo, tendem a servir como complemento da prática pedagógica exercida na universidade, atendendo uma motivação fundamental e dando segurança para a construção do conhecimento, que pode se dar de forma mais efetiva.

THE IMPORTANCE OF FIELD ACTIVITY IN GEOGRAPHY: AN EXPERIENCE IN HIGHER EDUCATION WITH BIOGEOGRAPHY AND SYSTEMATIC CLIMATOLOGY

ABSTRACT

The article approaches the importance of field activities in Geography from an experience with theoretical and methodological procedures involved in the teaching-learning relationships between students and teachers of the undergraduate course in Geography of the Federal University of Rio Grande do Norte (UFRN), during field classes of the disciplines of Biogeography and Systematic Climatology in the transect Natal/RN - Triunfo/PE, especially in the Pernambuco municipalities of Recife and Triunfo, in November 2019. Methodologically, the activities carried out before the field, in the field and after the field were taken into consideration. Considering that landscape observations go beyond natural and anthropic issues, a satisfactory resolution of the activities proposed by the teachers was obtained, so that it was possible to interrelate the knowledge acquired with the reality placed to the students in various aspects, whose theory allowed the introduction of technical exercises that facilitated the use of the contents, demonstrating the effectiveness of the visit for the teaching of Geographical Sciences and for the training of the future professional.

Keywords: Field activity. Teaching-learning. Teaching of Geography.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Joel Diogo Birrento. **A pertinência da saída de campo no processo de aprendizagem de História e Geografia: o caso do Alto Douro Vinhateiro**. 2016. 152 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de História e Geografia). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

BRASIL. Ministério de Minas e Energia. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea. Pernambuco-PE. Diagnóstico do Município de Triunfo**. Recife-PE: Serviço Geológico do Brasil, 2006.

COMPANHIA PESQUISA DE RECURSOS MINERAIS-CPRM. **Sistema de informações para a gestão territorial da Região Metropolitana do Recife - Projeto SINGRE II**, Atividades impactantes sobre o meio ambiente da Região Metropolitana do Recife. 2001. (Série Degradação Ambiental -Volume 02).

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Travessias da aula em campo na geografia escolar: a necessidade convertida para além da fábula. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 1, p. 195-209, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022009000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SILVA, Elaine Souza da. **Formação de professores e o uso das geotecnologias no ensino-aprendizagem de Geografia**. 2016. 169 p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

SILVA, Eva Alves da; DELGADO, Omar Carrasco. **O processo de ensino-aprendizagem e a prática docente: reflexões**. Rev. Espaço Acadêmico, v. 8, n. 2, 2018. Disponível em: <<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/revista-espaco-academico-v08-n02-artigo-03.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SOUSA, Luciano Mascarenhas da Silva.; ALBUQUERQUE, Emanuel Lindemberg Silva. Geotecnologias e o ensino de Geografia: contexto educacional na Universidade Federal do Piauí, Brasil. **Revista Estudos e Pesquisa em Ensino de Geografia**, v. 4, n. 5, p. 83-100, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/article/download/66659/40531/231249>>. Acesso em: 08 mar. 2021.

SOUZA, Joazadaque Lucena de. **Morfodinâmica e processos superficiais das unidades de relevo da planície do Recife**. 2013. 162 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

SOUZA, Sírius Oliveira; CHIAPETTI, Rita Jaqueline Nogueira. O trabalho de campo como estratégia no ensino em Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 3-22, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N.4/Art1v3n4.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Pesquisa de Campo em Geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 64-68, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13423>>. Acesso em: 03 mar. 2021.

TOMITA, Luzia M. Saito. Trabalho de campo como instrumento de ensino em Geografia. **GEOGRAFIA**, Londrina, v. 8, n. 1, p. 13 - 15, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/issue/view/694>>. Acesso em 03 mar. 2021.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. O papel da técnica científica no processo de produção científica. *In: Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental*. São Paulo: Oficina de Textos, 2005.

Recebido em 13/05/2022.
Aceito em 19/11/21.